

"E SE?" IMPLODINDO OS PILARES DA MODERNIDADE: UMA RESENHA SOBRE O LIVRO A DÍVIDA IMPAGÁVEL

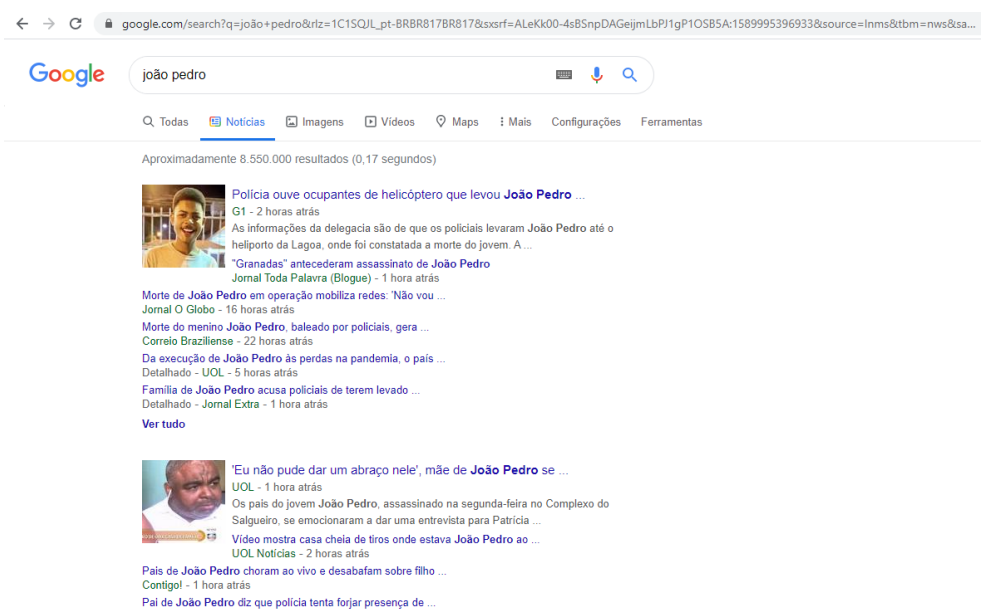
"¿Y SI?" EN BUSCA DE LOS PILARES DE LA MODERNIDAD: UNA REVISIÓN DEL LIBRO A DÍVIDA IMPAGÁVEL

"WHAT IF?" IMPLODING THE PILLARS OF MODERNITY: A REVIEW ON THE BOOK A DÍVIDA IMPAGÁVEL

Guilherme MARCONDES¹

[...] como uma imagem anti-dialética, *A Dívida Impagável* não faz mais do que registrar, ao tentar interromper, o desdobrar da lógica perversa que oclui a maneira como, desde o fim do século XIX, a racialidade, opera como um arsenal ético em conjunto – por dentro, ao lado, e sempre-já – a/diante das arquiteturas jurídico-econômicas que constituem o par Estado-Capital. (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 33, grifo do autor).

Figura 1 – Notícias sobre o assassinato de João Pedro, jovem negro de 14 anos, em São Gonçalo-RJ, durante a operação das polícias federal e civil em plena pandemia da Covid-19, em 18 de maio de 2020.



Fonte: Print de busca no Google com o nome João Pedro

¹ Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE), Fortaleza – CE – Brasil. Pós-doutorando (com bolsa PNPd/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Doutor e mestre em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia PPGSA/UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6114-7944>. E-mail: gui.marcondess@gmail.com



Porque não há uma crise ética global e não somente local com as mortes de jovens negros(as/es) pelo Estado? Qual o papel da racialidade no pensamento moderno? E se abandonarmos os procedimentos críticos que têm por fundamento as bases ontológicas e epistemológicas da modernidade, o que aconteceria? Estas são as principais perguntas postas por Ferreira da Silva² em *A Dívida Impagável* (2019). No livro, a autora toma a racialidade³ como foco e trata da importância de uma transformação completa de pensamento a partir de uma perspectiva *poética negra feminista* que seria capaz de pôr abaixo os pilares da modernidade⁴, a fim de constituir um mundo distinto em termos éticos, políticos, jurídicos e estéticos. Ferreira da Silva realiza uma crítica contundente ao pensamento moderno; aquele localizado (histórica e politicamente) onde os tentáculos coloniais, capitalistas e patriarcais pousaram e instituíram um modo societário.

Denise Ferreira da Silva (2019) propõe, de fato, “o fim do mundo como a gente conhece”⁵. Posto que para a autora, esse mundo tal qual o conhecemos é sustentado por pilares que nunca incluíram e nem incluiriam escravizados(as/es) e indígenas, aqueles indivíduos subjugados/expropriados há séculos. Afinal, a forma como pensamos dentro das normas desse mundo só nos permitiria falar de exclusão e discriminação, não nos permitindo articular um discurso capaz de ir ao centro da violência racial, que é, fundamentalmente, uma violência colonial (que é física, porque inclusive mata e que também expropria não apenas materialmente). Ferreira da Silva realiza, então, um mapeamento do pensamento moderno ocidental, em especial, via filosofia, buscando suas bases ontológicas e epistemológicas.

Em seu mapeamento acerca do pensamento moderno, Denise Ferreira da Silva, além de dialogar com a física clássica, a antropologia biológica, bem como com a antropologia e sociologia feitas até tempos atuais, retoma autores como René Descartes (1596-1650), Kant (1724-1804) e Hegel (1770-1831). Sendo fundamental a reconstrução que apresenta a partir de Descartes e sua máxima “penso, logo existo”, responsável pela separação entre corpo e mente e, assim, pela construção do sujeito moderno como um sujeito autodeterminado que pode conhecer o Mundo, mas que a ele não se mistura. Já com Kant a autora remonta o sujeito que seria um sujeito científico, em um sistema guiado pelo poder da razão e separado da

2 Professora titular na University of British Columbia, no Canadá, e diretora do Instituto de Justiça Social na mesma instituição.

3 Conforme expresso na epígrafe deste texto, Ferreira da Silva (2019), compreende a racialidade como uma das ferramentas de dominação produzidas no bojo da modernidade.

4 Explicitados a seguir.

⁵ Fala da pesquisadora em: O Evento Racial, Uma Proposição de Denise Ferreira da Silva. (ALI DO ESPIRITO SANTO, 2017)



esfera do divino. E, com Hegel a autora trata de sua crítica ao pensamento kantiano e a proposição do método dialético.

A partir das noções brevemente mencionadas, Ferreira da Silva, a fim de responder às perguntas (éticas, jurídicas e sociológicas) que abrem este texto, remonta aqueles que seriam os três pilares do pensamento moderno, nomeados como: *separabilidade*, *determinabilidade* e *sequencialidade*, que sustentariam o pensamento moderno operando “na sintaxe ética em que a indiferença, como posicionamento moral (comum e pública), faz sentido” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 127). Ou seja, uma ética pautada pela lógica da exclusão e da obliteração, internamente articulada pela subjugação racial. É, neste sentido, que os pilares ontoepistemológicos identificados pela autora suportam um Mundo em que jovens negros(as/es) são assassinados(as/es) por forças do Estado e isso não cria uma crise ético-jurídica em termos globais.

Ferreira da Silva desvela os modos de operação do pensamento moderno relativamente à racialidade através das mencionadas categorias construídas a partir de seu mapeamento, colocando em evidência o que está em disputa quando sua proposta é subverter as formas de pensamento legadas pela modernidade em prol de pensarmos o Mundo *outramente*⁶. Destarte, estes pilares ontoepistemológicos são analisados ao longo dos quatro ensaios reunidos que compõem o livro, assim dividido: *Introdução: (Di)Ante(s) do Texto*; capítulo I. *A Ser Anunciado ou Conhecendo (n)os Limites da Justiça*; capítulo II. *Para uma Poética Negra Feminista: A Busca /Questão da Negridade Para o (Fim do) Mundo*; capítulo III. *1 (vida) ÷ 0 (negridade) = ∞ – ∞ ou ∞/∞: sobre a matéria além da equação de valor*; e, capítulo IV. *Dívida Impagável: Lendo Cenas de Valor Contra a Flecha do Tempo*. Além de contar com um prefácio de autoria de Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi, intitulado *Carta à leitora preta do fim dos tempos*, e ainda, um posfácio de Pedro Daher chamado *O abrir-mão para o futuro*.

Os pilares ontoepistemológicos trazidos por Ferreira da Silva, são alvo de sua análise na medida em que tais modelos/ferramentas de pensamento estruturam o mundo tal qual o conhecemos. Indicam, portanto, mecanismos/princípios éticos que organizam o pensamento moderno. A *separabilidade* é, deste modo, mapeada desde Descartes, mostra-se presente no programa kantiano e não desaparece com Hegel, bem como se apresenta quando, no capítulo I, a autora propõe uma análise acerca dos limites da justiça a partir de sua pergunta sobre o

⁶ Resumidamente, Ferreira da Silva (2019) fala em *outridade* para se referir às epistemologias, ontologias e vivências que não se enquadram no modelo proposto/instituído/imposto pela modernidade, em que vigoram a *separabilidade*, a *determinabilidade* e a *sequencialidade*.



assassínio de jovens negros(as/es) pelo Estado. Sendo a *separabilidade* um princípio que comporta a diferença posto que seja com separação entre os itens da equação. Ou seja, seria um mecanismo/princípio responsável não apenas por uma separação entre corpo e mente, mas que influi, inclusive, na separação entre categorias raciais distintas de indivíduos.

Em outra ponta do triângulo, a *determinabilidade*, que seria crucial ao pensamento kantiano por tratar do que Descartes chamava de “nexo” das consequências, seria uma ação da mente racional para estabelecer algo com certeza. A *determinabilidade*, analisada no capítulo II, pressupõe um *universal* que funcionaria como determinante formal. É assim que a autora compreende, por exemplo, como a *determinabilidade* é operada através da noção de humanidade (fechada nas fronteiras europeias), pois somente ela compartilharia os poderes determinantes da dita razão universal, por possuir livre-arbítrio e autodeterminação.

Por fim, a *sequencialidade*, analisada no capítulo III, seria a linearidade temporal mediada pela *determinabilidade*. Ou seja, diz respeito à linearidade do pensamento moderno que ocluiria a colonialidade e a escravidão, apesar de sua suposta inclusão. Denise Ferreira da Silva apresenta, então, os modos como estas categorias, brevemente explicitadas, operam na constituição das regras que estruturam as relações sociais (entre humanos) e com o próprio Mundo (não humano), tal qual proposto pela modernidade.

Por mais abstratos que pareçam os mencionados pilares, o seu dessecamento pela autora se dá paralelamente a apresentação de outros modos de pensar, com a centralidade conferida à questão da racialidade, demonstrando, ainda, como esta é constituída por esse legado moderno. Assim sendo, a racialidade cria, de acordo com Denise Ferreira da Silva, uma diferença humana com base na razão kantiana, em que nem todos seguiriam a chamada trajetória do espírito, sendo o pensamento abstrato europeu tomado como expressão mais elevada do espírito na evolução humana.

Com base na *separabilidade*, na *determinabilidade* e na *sequencialidade*, ocorreria um processo contínuo de acumulação da expropriação de valor dos indivíduos racializados e historicamente subjogados. Dirá Ferreira da Silva (2019, p. 180-181):

Ao longo dos últimos cento e cinquenta anos, desde a apresentação da versão clássica do materialismo histórico, a produção capitalista (como delineada por Marx e seus seguidores) não interrompeu a expropriação colonial. Na verdade, o contrário ocorreu. Os últimos duzentos testemunharam episódios repetidos da expropriação colonial de terras, trabalho e recursos, garantida por arquiteturas jurídico-econômicas que operam dentro e fora do Estado-nação, ou seja, da figuração mais recente do corpo político liberal. Indubitavelmente encontramos, hoje, a forma jurídica colonial possibilitando o capital global. Considere, por exemplo, os diversos lugares no mundo que se encontram num estado de violência contínua – várias partes no Oriente

Médio, continente africano, bairros economicamente despossuídos e áreas rurais na América Latina e no Caribe, ou bairros negros e latinos dos Estados Unidos. Violência que, além de facilitar a expropriação de terras, recursos e mão-de-obra, também transforma esses espaços em mercados para a venda de armas e inúmeros serviços e bens fornecidos pela indústria da seguridade.

É, deste modo, que a autora analisa a crise global do mercado financeiro de 2007 e 2008: como um evento racial fundamental para explicitar o modo como a racialidade opera no processo de acumulação global do capital. Posto que os empréstimos *subprime* eram destinados a pessoas com defasagem econômica, que não conseguiam obter empréstimos normais. Pessoas negras e latinas, das classes trabalhadora e média baixa, compreendidas pelas instituições financeiras como “instrumentos financeiros e não entidades morais, isto é, pessoas” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 157). Os empréstimos *subprime* extraíam, por conseguinte, lucro do déficit financeiro de pessoas tomadas como instrumentos para o enriquecimento das instituições financeiras. Tais empréstimos operariam como ferramentas de subjugação colonial e racial, que compõem o que a autora chama de *dialética racial*, que se daria com a transubstanciação da expropriação colonial em um déficit que seria *natural*.

Destarte, Denise Ferreira da Silva trata, em especial no capítulo IV, da falta de ferramentas do materialismo histórico capazes de abordar o papel da escravidão na acumulação do capital, posto que, como argumenta, a escravização é constitutiva das arquiteturas jurídico-econômicas próprias do (e não temporalmente (separadas do) ou anteriores ao) capital. Sendo ainda vigentes as regras da estrutura social legadas pela modernidade e seus três pilares, que ocluem a violência racial em suas diversas matizes. Deste modo, o conceito de *dívida impagável*, que dá título ao livro, diz respeito ao continuado processo de expropriação do elemento negro na sociedade ocidental, tratando-se, portanto, de “uma obrigação que se carrega, mas que não deve ser paga” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 154). Ou ainda, são dívidas nos termos econômicos, mas não no sentido ético, por isso, não deveriam ser saldadas. Fato explicitado pela autora em sua análise de *Kindred* (1979) de Octávia E. Butler e dos mencionados empréstimos *subprime*.

O mundo legado pela modernidade com seus pilares ontológicos e epistemológicos é chamado pela autora de *Mundo Ordenado*, onde pessoas estariam marcadas pela racialidade, separadas entre si e do restante do que compõe o Mundo. Desta maneira, a virada de pensamento proposta pela autora tem base na noção de *Plenum*⁷, que caracterizaria um *Mundo Implicado* em oposição ao *Mundo Ordenado*, projetado e levado a cabo no processo

⁷ A noção de Universo como *Plenum* é resgatada por Denise Ferreira da Silva do pensamento de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716).



colonial, capitalista e patriarcal. Sendo, então, a *dívida impagável* referente ao processo de contínua expropriação a que alguns corpos têm sido submetidos ao longo da história, o *Mundo Implicado*, pautado pelo modelo de *Plenum*, traria a possibilidade de pensar o mundo *outramente*. O *Plenum*, por conseguinte, seria possibilidade de vida, de outra vida, em outras perspectivas ontoepistemológicas, que compreenderiam a implicação das pessoas e coisas do mundo umas nas outras. Ou seja, trata de um universo em que cada um dos corpos que existem no mundo expressariam o universo de uma forma única, mas, ao mesmo tempo, expressariam todas as outras coisas que existem no universo. A coletividade ao invés da individualidade é aqui importante, posto que demarca a diferenciação entre uma perspectiva, como a apresentada por Ferreira da Silva, e aquela do *Mundo Ordenado da modernidade*, que classifica, hierarquiza e separa. Dessa forma, o *Plenum* é um *Mundo Implicado*, em que

[...] a socialidade não é mais nem causa nem efeito das relações envolvendo existentes separados, mas a condição incerta sob a qual tudo que existe é uma expressão singular de cada um e de todos os outros existentes atuais-virtuais do universo, ou seja, como *Corpus Infinitum*” (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 46, grifo do autor).

O projeto proposto por Denise Ferreira da Silva, coloca a racialidade no centro do pensamento moderno, compreendendo como a *negritude*⁸ seria uma chave para o desmoronamento deste *Mundo Ordenado* e a ascensão do *Mundo Implicado*. Se no primeiro caso, não é possível pensar a diferença sem separação, no segundo, a existência se daria sem o princípio da *separabilidade*, possibilitando, portanto, o fim do mundo conforme o conhecemos, para o florescimento de uma perspectiva epistemológica e ontológica que traria uma completa virada de pensamento.

A Dívida Impagável (2019) pode ser compreendido como um empreendimento de fôlego, criatividade e rigor em pesquisa. Um livro que certamente não é simples de ser lido, mas sem dúvida fundamental, em que se apresenta a perspectiva de uma autora multifacetada, capaz de transitar entre distintas ciências a fim de explicitar as questões e construir as categorias com que trabalha. Trazendo ao centro da investigação a racialidade, não tendo como alvo uma denúncia, mas um projeto de fim de mundo e nascimento de outro em termos epistemológicos e ontológicos.

⁸ De acordo com a autora, a categoria de *negritude* possui duas faces: de um lado, vista como índice de uma situação social nunca deixa de significar a escravidão, lembrando a expropriação da capacidade produtiva dos(as/xs) escravizados(as/xs). De outro, a *negritude* sinaliza uma capacidade criativa, quando se contempla o Mundo como *Plenum*. Neste segundo caso, a *negritude* é compreendida, pela autora, como detentora das ferramentas necessárias para o desmonte do *Mundo Ordenado*. (FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 95-97).

Entrelaçando passado, presente e futuro, o livro traz uma nova mirada acerca da modernidade e seus processos de dominação, bem como da *negritude* como categoria também capaz de implodir e subverter as lógicas vigentes no *Mundo Ordenado* em busca de um novo modo societário, que vá na contramão da proposta moderna (assentada em uma *dialética racial* que oclui as violências raciais). Buscando a decolonização do mundo, com a implementação de arquiteturas jurídico-econômicas distintas daquelas que, investigadas pela autora, foram constituídas com a modernidade e seguem em vigor. Logo, Denise Ferreira da Silva propõe uma análise que vai ao passado, ao mesmo tempo em que está centrada no presente (em que a violência racial é parte da ordenação do mundo), perseguindo/propondo possibilidades de futuro em que seja possível existir plenamente, ou seja, sem que haja a atribuição de *outridade*. Persegue, então, a constituição de um mundo em que a implicação (a capacidade de compreendermos os elementos do mundo como partes singulares, mas não separadas) seja a norma e a partir dela novos caminhos éticos, morais, jurídicos e estéticos sejam possíveis.

REFERÊNCIAS

- ALI DO ESPIRITO SANTO. O Evento Racial, Uma Proposição de Denise Ferreira da Silva. 1 vídeo (107 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_QBEPK7too. Acesso em: 18 maio 2020.
- FERREIRA DA SILVA, D. **A Dívida Impagável**. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2021.

Como referenciar este artigo

MARCONDES, G. “E se?” Implodindo os pilares da modernidade: Uma resenha sobre o livro *A Dívida Impagável*. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. 00, e022014, jan./dez. 2022. ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.13726>

Submetido em: 26/05/2020

Revisões requeridas em: 03/11/2020

Aprovado em: 20/05/2021

Publicado em: 30/06/2022/